

## O DIMINUTIVO E SUAS DEMANDAS, UMA VERSÃO REVISITADA

Leda Bisol<sup>1</sup>

bisol@puccrs.br

**RESUMO:** Este estudo que se desenvolve na linha da teoria da otimidade, norteia-se pela hipótese de que -inho é o morfema de diminutivo e /z/ em -zinho, uma consoante epentética que emerge para satisfazer exigências estruturais. Dada a palavra morfológica como base e um “ranking” de restrições de correspondência, marcação e alinhamento como instrumento de análise, chega-se à explicação consubstanciada na teoria e nos dados.

**PALAVRAS-CHAVE:** diminutivo; fidelidade; alinhamento; marcação.

### INTRODUÇÃO

Na *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa* de Jerônimo Soares Barbosa cuja primeira edição (1823) com prefácio de 1803 permite situá-la no século XVIII, como o título sugere, inspirada que foi na Escola de Port Royal, o autor, ao referir-se ao diminutivo, assim se expressa:

Os diminutivos são os que mudando a terminação de seus primitivos, lhes diminuem mais ou menos a significação(...) Os que diminuem mais acabam ou em *inho*, *inha*, quando os primitivos terminam em vogal, consoante, como *filhinho*, *filhinha*, *mulher*, *mulherinha*, *rapaz*, *rapazinho*; ou em *zinho*, *zinha*, quando os primitivos terminam em diphthongo, como *homemzinho*, *leãozinho*, *pãezinho*, *mãezinha*. O z eufônico faz-se necessario na derivação d’estes diminutivos para evitar o hiato nascido do concurso de tres vogaes. Barbosa (1875: 83)

É essa ideia desenvolvida em *O Diminutivo e suas Demandas* (DELTA, 2010) que retomamos para consubstanciar as proposições e adicionar detalhes. O estudo que será apresentado de forma mais sucinta conta agora com \*License-N para dar mais transparência à análise do diminutivo com nasalidade e Precedência para dar conta da proibição da fusão que não havia sido lembrada na referida versão.

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS; CNPq.

Começamos por retomar a ideia norteadora e as propriedades do diminutivo, seguindo-se as restrições que conduzem a análise.

O diminutivo mais produtivo do português é tão somente o morfema -inho, que se reveste de uma consoante epentética -(z)inho para satisfazer exigências estruturais. As demandas do diminutivo, doravante DIM, são as seguintes:

(1) Demandas de DIM

Base	DIM	
a- pat-o	patinho, *patoinho	(Evitação do hiato)
b- r <sub>ɔ</sub> z-a	r <sub>ɔ</sub> ziña, *rozinha	(Fidelidade a traços fonológicos da base )
c- mar)	mar.)zi.nho,*ma.ri.nho	(Preservação de bordas- Interface)
d- lâmpad-a	lãm.pa.da) zi.nha	(Preservação do acento marcado )
e- flores	flore)zinhas	(Correspondência com formas do <i>output</i> )

**Quadro 1:** Demandas de DIM

(2) Restrições

ONSET: Toda sílaba deve ter *onset*

MAX-IO: Todo segmento do *input* deve ter correspondente no *output*. Apagamento é proibido.

MAX-Root-FV: A vogal mais á direita do radical deve ter um correspondente no output.

PRECEDÊNCIA: A vogal mais direita do radical tem precedência sobre a vogal que inicia o afixo.

DEP-IO: Todo segmento do *output* deve ter correspondente no *input*. Epêntese é proibida.

IDENT-ATR: Segmentos correspondentes (*input/output*) são idênticos na dimensão ATR.

ALIGN-R (Base,  $\sigma$ ): Alinhe a borda direta da base com a borda direita de uma sílaba.

\*LICENSE-N: A nasal, N no input, não está licenciada a ser onset.

AGREE(COR): Glide e {S}, morfema de plural, devem estar associados ao nó coronal.

IDENT-OO: A base de DIM deve estar em relação com o *input* e com o *output*.

STRESS FAITHFULNESS: O acento subjacente guarda a mesma posição no *output*.

ANCHOR- PL:O morfema de plural {S} deve ancorar-se no vocoide mais à direita da palavra.

Todas as restrições citadas fazem parte da literatura de OT. MaxRoot-FV e MaxIO estão em relação de estringência, isto é, violar a primeira que é um subconjunto da segunda implica violar a segunda, mas não vice-versa, porque a segunda tem uma estringência maior (McCarthy 2002, p.40). Ident(ATR) dá conta de DIM ser isento da neutralização da pretônica, uma de suas particularidades. A restrição de alinhamento preserva o limite direito do *input* para evitar silabação descompassada entre o *output* da base e do diminutivo. Agree diz respeito à concordância entre /glide e S/, morfema de plural, quanto ao traço coronal. A preservação do acento marcado no *input* é controlada por Stress FAITHFULNESS. A restrição IDENT-OO concerne à relação de DIM com uma forma do *output* em casos de pluralização. Anchor é uma restrição de ordem morfológica e fonotática, pois o plural tem uma posição fixa na palavra determinada morfológicamente e uma demanda fonotática que exige o apoio de uma vogal ou glide, ou seja, um vocoide. Ajusta-se plenamente a palavras temáticas ou atemáticas cujo radical termina em vocoide, como *pato*, *patos patinhos* ou *café*, *cafés*, *cafezinhos*, *sarau*, *saraus*, *sarauzinhos*, mas faz emergir uma vogal de apoio no plural de palavras acabadas em consoante, como em *flor* > *flores*, *mar* > *mares*, *feliz* > *felizes*.

## 1. ANÁLISE

Os derivativos podem ter por base uma raiz, um radical, morfológica ou fonológica. A base do afixo DIM é a palavra morfológica, definida em termos de radical + vogal temática, doravante VT, em nominais temáticos, *casa*, *bolo*, *parede*, ou somente radical em nominais atemáticos, *café*, *mal*, *pomar*.

### 1.1. EVITAÇÃO DO HIATO

Admitindo-se que os candidatos a serem analisados satisfaçam as restrições referentes à silabificação e ao acento, altas na hierarquia de restrições, esta parte não será discutida. Começemos por observar os seguintes dados:

- |   |  |
|---|--|
| <p>(3) a- Nominais temáticos</p> <p>pato + inho &gt; pa. <b>ti.nho.</b></p> <p>capa+ inho &gt; ca. <b>pi.nha.</b></p> <p>cebola + inho &gt; ce. <b>bo.li.nha.</b></p> | <p>b- Nominais atemáticos:</p> <p>café + inho &gt; ca. <b>fe.zi.nho.</b></p> <p>abacaxi+ inho &gt; a. <b>ba.ca.xi.zi.nho.</b></p> <p>sofá+ inho &gt; so. <b>fa.zi.nho.</b></p> |
|---|--|

A vogal temática é apagada em (3 a) e DIM ajusta-se ao *onset* disponível. A vogal do radical é preservada em (3b) e entra /z/ para ser *onset* da vogal inicial de DIM. Em ambos os casos, o hiato é resolvido, satisfazendo a restrição Onset.

Passemos da descrição à explicação formal no Tableau tomando como base do diminutivo uma palavra morfológica, inicialmente definida. O termo Radical será usado sem distinção de raiz, pois a base de DIM pode ser tanto um radical equivalente à raiz como *flor* > *floreira* quanto um radical derivado como *floreira*>*floreirinha*.

/pato -iño/	Onset	DepIO	MaxIO
☞ a. pa. tí.ño.			*
b. patoinho	*!		
/kafɛ-iño/			
c. ka.fe. i.ño.	*!		
☞ d. ka.fe.zi.ño		*	

**Tableau 1:** Evitação do hiato em nominal temático e atemático

A forma ótima, correspondente à primeira base, um nominal temático é (a), que exibe a sílaba inicial de DIM com *onset* às expensas de Max, pois a vogal temática é apagada para a vogal inicial de DIM ajustar-se ao *onset* disponível ao onset. A forma ótima correspondente à segunda base, um nominal atemático é (d) que, para satisfazer Onset, introduz a consoante /z/ às expensas de DEP. Em ambos os casos, o hiato é evitado, seja por apagamento da vogal temática seja por introdução da consoante epentética. A relação inversa das restrições em pauta privilegiaria os perdedores. Portanto, Onset domina Max e Dep, mas Dep domina Max.

## 1.2. FIDELIDADE A TRAÇOS FONOLÓGICOS

Admitindo-se que distinção entre vogais médias fechadas /e,o/ e médias abertas /ɛ,ɔ/ se estabeleça pelo traço ATR em termos de [+ATR] para as primeiras e [-ATR] para as segundas, depreende-se a característica mais citada de DIM, que é preservar o traço [ATR] da vogal média do *input*. No sistema fonológico do português, perde-se, na pretônica, a distinção entre as médias [+ATR] e [-ATR] em outros termos, fechada e aberta, reduzindo-se o sistema fonológico de sete vogais /a, ɛ, ɔ e, o, i, u / para cinco vogais átonas /a, e, i, u, o/ na pretônica com reflexos na postônica que se reduz a três em posição final. O diminutivo, no entanto, fica

fiel ao traço  $[\pm\text{ATR}]$  que as distingue (4a), ignorando essa redução que é respeitada na maioria dos derivativos (4)c:

(4)	a-Base	b- Diminutivo	c-Outros derivativos
	caf[ɛ]	caf[ɛ]zinho	caf[e]teira
	cip[ɔ]	ci p[ɔ]zinho	cip[o]al
	c[ɛ]la	c[ɛ]linha	c[e]leiro
	s[ɔ]l	s[ɔ]lzinho	s[o]laço

Tais exemplos sugerem que DIM é fiel aos traços fonológicos dos segmentos da base a que se anexa, o que formalmente o Tableau 2: **Fidelidade** explicita. Não só fidelidade ao traço ATR é uma propriedade de DIM, mas também fidelidade à vogal final do radical /raiz, isto é, tal vogal não pode ser apagada. Essas duas restrições estão no alto da hierarquia em relação de não dominância.<sup>2</sup>

kafɛ-iño/	MaxRoot	Ident ATR	DEPIO
☞ a. ka.fɛ.zi.ño.			*
b. ka.fe.zi.ño.		*!	
c. .ka.fi.no.	*!		

Tableau 2: Fidelidade

O ponto importante aqui é a entrada de duas restrições, uma independente da outra, ambas restrições de fidelidade, Ident-ATR e Max Root-FV, previstas e definidas em 81. O candidato (c), que apaga a vogal da raiz é descartado, assim como o candidato em (b), que não preserva o traço ATR da vogal final da Raiz. O vencedor é (a), que, para ser fiel às demandas de DIM, introduz a consoante epentética.

### 1.3. INTERFACE: COINCIDÊNCIA DE BORDA MORFOLÓGICA E FONOLÓGICA

O diminutivo aparentemente oferece elementos para ser interpretado como composto por justaposição, pois processos dessa ordem deixam intactas as posições da palavra com que se relacionam. Todavia, derivativos também podem ser formados por justaposição, como, por exemplo, *cafeiro*, (café+eiro). Casos como esses assinalam as bordas que separam duas categorias diferentes ao interagirem como morfema e sílaba no diminutivo.

<sup>2</sup> Os termos *radical* e *raiz* estão sendo usados como sinônimos.

- (5) Alinhamento da borda direita da base com a borda direita da sílaba do diminutivo.<sup>3</sup>
- sol.]  
 sol.]zi.nho                    \*so.li.nho
- po.mar.]  
 po.mar.] zi.nho.                \*po.ma.ri.nho
- mar.]  
 mar.] zi.nho.                    \*ma.ri.nho (a não ser com outro sentido)

sol- íño	IdentATR	AlignR	Onset	DepIO
☞ a- soł.lí.ño				*
b- soł.lí.ño			*!	
c- sol.li.ño		*!		
d- soł.lí.ño	*!			*

**Tableau 3:** interface morfologia e fonologia

A restrição de alinhamento, ao exibir coincidência da borda direita da base com a borda direita de uma sílaba do diminutivo tem o efeito de preservar a estrutura métrica da base que se manifesta quando silabificada, como mostram os exemplos em (5) e a análise no Tableau 3 explica, justificando a entrada de /z/.<sup>4</sup> Para facilitar a leitura, valemo-nos do sinal ( | ) como indicativo de bordas. A restrição AlignR desaloja (c), porque está desalinhado, isto é, a borda direita da base não coincide com a borda direita da sílaba do derivativo, (d) por falhar na identidade de ATR e (b) por ausência de *onset*. O candidato ótimo é (a).

As variantes que constituem exceções à entrada de /z/, isto é, que ignoram a restrição AlignR são raras, entre elas, *colherinha* e *florinha*. A primeira sobrepuja sua contraparte na frequência de uso; a segunda, ao contrário, é sobrepujada por *florzinha*. Há também exceções que, ao adquirirem novo sentido, fogem deste campo, como, por exemplo, *mulherinha*, *bisbilhoteira* ou outro sentido pejorativo, e *painho* ou *mainha*, expressões de carinho ou de tratamento para autoridades do Candomblé.

Outro ponto a considerar é a sequência de duas vogais idênticas que poderia ocorrer na adjunção do sufixo à base, quando, em palavras atemáticas, a base termina em vogal alta [-post], como em (6a) ou quando, em nomes temáticos, apaga-se a vogal terminal, precedida de

<sup>3</sup> Na variedade do português do sul do Brasil, que oferece os dados para este estudo, este alinhamento vem se mostrando pertinente. Não se nega, porém, que a restrição Align possa ter um papel menos relevante em outras variedades ou dialetos.

<sup>4</sup> Vale lembrar que no lugar da lateral dorsal pode figurar o glide posterior, variante de uso comum no português.

vogal alta [-post] (6b). Em tais casos, cria-se contexto para fusão, que eliminaria as bordas que separam o radical do afixo. Nem AlignR, nem MaxRoot que aplicariam no vazio, teriam papel decisório.

(6) Fusão problemática

a-	abacaxizinho	abacaxizinho	*abacaxiinho	*abacaxinho <sup>5</sup>
	saci	sacizinho	*saciinho	*sacinho
	guri	gurizinho	*guriinho	*gurinho
b-	rio	riozinho	*riinho	*rinho
	frio	friozinho	*friinho	*frinho
c-	arrepio	arrepiozinho	*arrepiinho	*arrepinho

/ a.bakafji-iño /	MaxRoot	Precedence	Onset	DepIO
☞ a -a.ba.ka.fj <sub>1</sub> zi <sub>2</sub> . ño.				*
b- a.ba.ka.fj <sub>1</sub> i <sub>2</sub> . ño			*!	
c- a.ba.ka. fj <sub>1,2</sub> . ño.		*!		
/frio-iño/				
☞ d-frju <sub>1</sub> .zi <sub>2</sub> . ño				*
e-fri.u <sub>1</sub> .i <sub>2</sub> . ño.			*!*	
f- fri <sub>1,2</sub> . ño		*!		

Tableau 4: Fusão proibida

A restrição PRECEDENCE, segundo a qual a vogal do radical deve preceder à vogal do afixo tem o efeito de evitar fusão. Essa restrição mantém o contraste entre as duas vogais, a da raiz e a do afixo, as quais jogam um papel importante da derivação em geral e em particular no diminutivo, dada a sua demanda de fidelidade à base. Então os candidatos (a e d) no Tableau 4 que satisfazem precedência são os vencedores com respeito ao primeiro e segundo *inputs* respectivamente, às custas de DepIO. Os candidatos (b, e) são desalojados pela restrição Onset, o último dos quais a viola duas vezes. Note-se que nenhum candidato viola Max Root, inclusive (c,f), embora esta restrição seja satisfeita *in vacuun*, pois as duas vogais do input estão em correspondência com a vogal do *output*, que resultou da fusão, como indicam os subscritos. No alto do ranqueamento, PRECEDENCE abre as portas para o resultado esperado; se baixa estivesse, privilegiaria os perdedores.

<sup>5</sup> Agradeço a Seung Hwa Lee ter levantado a questão da sequência de duas vogas altas no I Colóquio de Morfologia.

Deixando para o final a discussão sobre o plural do diminutivo em que aponta uma particularidade, vamos fazer uma breve pausa para uma reflexão sobre a variação que não será objeto da análise formal em pauta.

## 2. INTERMEZZO: O DIMINUTIVO E A VARIAÇÃO

Em todos os casos em que a consoante /z/ é introduzida para resolver um problema organizacional de DIM como ter *onset*, preservar segmentos do morfema lexical e traços fonológicos, assim como alinhar fonologia e morfologia, a variante -inho não tem vez, pois a epêntese da consoante é uma demanda estrutural. As exceções, como vimos, são raras e podem ser enumeradas ou tomam outro sentido. A variação circunda-se aos nominais temáticos em que se impõe a prevalência de -inho. Todavia ao lado da analogia que abre as portas para /z/ em nominais temáticos, há casos em que a epêntese é motivada. É o que vamos expor.

### 2.1. DIM E O GÊNERO GRAMATICAL

DIM, como todo morfema derivativo, em posição final, é o portador do morfema de gênero da palavra, independentemente do sentido que possa ter. Diante disso, se DIM, ao invés de apagar VT, como o faz comumente em nominais temáticos, a deixar intacta, haverá redundância de informação, o que, em nome da simplicidade, tende a ser evitado. Não há erros, mas redundância de informação.

- (7) Borboleta > borboletinha,      borboletazinha  
pato>      patinho,      patozinho  
garota>      garotinha,      garotazinha

O que se faz notar é que, nesse caso, a redundância tende a ser evitada.

Todavia, casos em que DIM é o único portador de gênero e VT restringe-se à identificação da classe temática, a consoante /z/ tende a ser introduzida. Isso acontece com nominais de gênero masculino com VT /a/, com nominais do gênero feminino com VT /o/ e com nominais pertencentes à categoria “comum de dois”.



- (8) o aroma                      o aromazinho  
 a contralto:                    a contraltozinha  
 o/a pianista:                    o pianistazinho, a pianistazinha<sup>6</sup>

São os nominais que pertencem à classe da vogal temática /e/, destituída de qualquer relação com gênero, direta ou indireta, que abrem as portas para variação analógica:

- (9) verde:                        verdinho ~verdezinho  
 parede:                         paredinha~paredezinha  
 corrente:                        correntinha~correntezinha

Por conseguinte, a variação em nominais temáticos está comprometida com o gênero gramatical.

## 2.2. DIM E OCP

Sequência de segmentos idênticos, proibida pela condição de boa-formação referida por OCP, princípio do contorno obrigatório, é solucionada pela introdução de /z/, (10) enquanto uma sequência de segmentos semelhantes, mas não idênticos, prefere a forma canônica, com a opção de optar pela despalatalização da consoante da base.

- (10) a- vinho: vinhozinho      b vinhinho              b- velho> velhinho  
       pinho: pinhozinho        pinhinho                relho> relhinho  
       linho: linhozinho        linhinho                palha> palhinha

É digno nota que (10 a) e (10b) são preferidos a (10c) em conformidade com OCP e que a entrada de /z/ em palavra temática é sempre uma opção, algumas mais motivadas do que outras, mas nunca uma demanda de DIM.

<sup>6</sup> Em conformidade com a observação de um parecerista anônimo, palavras como arominha e pianistinha são bem formadas como outras similares. De fato coexistem, pois a entrada de /z/ neste caso não constitui uma das demandas de DIM, isto é, não está incluída no Quadro1, mas é motivada, ou seja, justificada pela ausência de coincidência entre vogal temática e morfema de gênero, embora isso não seja regra geral.

### 2.3. DIM EM NOMINAIS TERMINADOS EM HIATO

Palavras acabadas em hiato invariável constituem um dilema para DIM, pois a parte final da base prosódica não oferece, como nos demais nominais temáticos, uma consoante para *onset* de DIM. De um lado, via apagamento de VT, *ka.no.a* > *ka.no.í.ña*, o hiato da base é desfeito e o de DIM permanece. De outro, via epêntese, *ka.no.a* > *ka.no.a.zi.ña*, o hiato da base é preservado para resolver o de DIM. As ocorrências mais frequentes indicam que DIM tende a preservar o hiato do *input* e resolver o que lhe diz respeito, optando pela epêntese, mas a variação não fica de todo excluída, como (11) exemplifica, embora o mais das vezes tome um sentido particular, como *coroinha*, auxiliar de cerimônia religiosa na Igreja Católica.

- (11) *atoa* >            *atoazinha*~ *atoinha*  
      *canoa* >           *canoazinha*~ *canoinha*  
      *garoa* >          *garoazinha*~ *garoinha*

### 2.4. DIM E O ACENTO MARCADO

Lancemos um breve olhar sobre o acento. O português tem por base rítmica um pé binário de cabeça à esquerda, por troqueu designado, que se organiza a partir da borda direita da palavra. É de notar que a sílaba final é acentuada se for pesada, isto é, se tiver coda. Em se tratando de diminutivos, a base que contém minimamente duas sílabas exibe pé binário de cabeça à esquerda. O acento secundário, quando herdado do principal, pode mudar de lugar para evitar choque acentual. A exceção está no grupo das proparoxítonas, que foge ao padrão geral, mostrando um dátilo, o qual tende a ser preservado por DIM.

- (12) (*lám.pa.da*), (*lám.pa.da*).(z*í.nha*), \*(*lám.pa*).(d*í.nha*)  
      (*cá.te.dra*), (*cà.te.dra*).(z*í.nha*.), \*(*cà.te*).(d*rí.nha*.)  
      (*cór.re.go*), (*còr.re.go*).z*í.nho*.), \*(*còr.re*).(g*uí.nho*)

Entre as proparoxítonas, há as que perdem uma sílaba, ajustando-se ao troqueu como *abóbora* > *abobra* ou permutam variavelmente dátilo e troqueu como *pêssego*, *pèsseguínho*~ *pèssegozínho*. A maioria, todavia, tende a preservar o pé datílico, herdado da palavra base, como *catedrazinha*, \**càtredrínha*, *córrego* > *còrregozínho*, \**correguínho*, mantendo-se fiel ao acento marcado no *input*, via acento secundário. Embora não tenhamos a intenção de discutir

formalmente a variação, terminemos esta seção com a análise de um dátilo, ativando a restrição StressFaithfulness, definida em (2), que cuida da preservação de acentos marcados.

/ˈ laNpada - iña/	StressFaith	MaxIO	DepIO
a- (ˈlãm.pa.da.) (zí.ña)			*
b- lãm. (pà da.) (zí.ña)	*!		
c- (ˈlãm. pa.) (dí. ña)		*!	

Tableau 5: Proparoxítonas

Todos os candidatos satisfazem Onset e as demais restrições relevantes não ativadas. Sob o domínio de Stress-Faith, inverte-se a relação de dominância entre Dep e Max que passa a ser Max>>Dep. A forma(b), no Tableau 5, é descartada, porque viola a restrição mais alta. A decisão entre (a) e (c) fica ao encargo das restrições mais baixas: DEP aponta o deslize e MaxIO condena (b). O vencedor é (a). Mais uma vez, a presença de /z/ tem motivação estrutural.

Em suma, a variação analógica na área dos nominais temáticos existe, mas há casos que apontam para o controle de certos fatores, como redundância de gênero, hiato duplicado, acento marcado e OCP que motivam ou restringem a presença da consoante epentética.

Feitas essas considerações, voltemos às propriedades de DIM para completar a análise.

### 3. O PLURAL EM DIMINUTIVOS

Partimos do pressuposto de que o morfema plural, {S}, é somente [s] ou [z], o qual se anexa a um vocoide em final de palavra, *bola*> *bolas*, *rei*> *reis*, *mau* > *maus*, *café*> *café*s, pertença esse vocoide ao radical ou à vogal temática, mas não se anexa diretamente a uma consoante, valendo-se no caso da epêntese de uma vogal, *mar* > *mares*, mas não *\*mars*. O argumento é a coda complexa, a qual é bem formada, quando satisfaz a condição de C1 ser uma soante ou vocoide e C2, uma consoante continua, coronal, como em *perspectiva*, *perspicaz*, *solstício*, *fausto*, *anéis*, *maus*, mas é excluída se /S/ for morfema de plural, precedido de líquida: *\*mars*, *\*flors*, *\*mels*. Alinham-se exemplos em (13), onde em (a) e em (c) a coda bem formada emerge, mas não em (b), pois o plural exige o apoio de um vocoide.

#### (13) Coda complexa

a) Bem formada  
 ˈĩnspetor  
 solstício

b) Mal formada  
 \* ˈfi[n]s  
 \*sols

c) Bem formada  
 [ˈfiː]s  
 leis

perspectiva	* mars	coronéis
auspicioso	*funils	maus

Deixando-se de lado os detalhes da pluralização para não nos afastar do foco deste estudo, retomemos o plural de diminutivos de palavras acabadas em soante ou /S/.

### 3.1. DIM EM PALAVRAS COM VOGAL FINAL SOMENTE NO PLURAL

No plural de nominais atemáticos terminados em consoante, DIM relaciona-se com a base de uma forma do *output*, produzida por afixação do plural, como sinaliza (14), sem deixar de ser fiel ao *input*.

(14)	mar	<u>mares</u> > marezinhos
	pomar	<u>pomares</u> > pomarezinhos
	lar	<u>lares</u> > larezinhos
	flor	<u>flores</u> > florezinhas
	mal	<u>males</u> > malezinhos

Uma das vias de explicação de fatos como esse, na perspectiva da OT, é a proposta de Benua (1997), denominada *Transderivational Correspondence* (TCT) entendida nos termos seguintes:

Considerando-se que a relação de correspondência que se estabelece entre *input* e *output* (IO) também possa estabelecer-se entre *output* e *output* (OO), para dar conta de fonologias motivadas morfologicamente, o modelo proposto vale-se da relação dupla, sintetizada em (15), em que a seta vertical indica a relação entre *input/output* e a seta horizontal, a relação *output/output*. Essa relação tem um papel relevante na seleção de bases paradigmáticas. Diferentemente do *input* que não está sujeito a nenhuma restrição, a base de um paradigma deve ser sempre uma forma lícita e canônica. Nossa análise, todavia, firma-se em um ponto diferente com respeito à proposta original. Enquanto em Benua cada *output* de B é comparado com o seu correspondente em A, em nossa análise cada *output* de B é comparado com o *output* vencedor de A. Doravante, os Tableaux que lidam com IdentOO exemplificam essa versão. Note-se que os efeitos de ciclicidade, morfologicamente motivada, devem-se à recursividade e à restrição de correspondência *output-to-output*, o que, de certa forma, remete à derivação seriada.

$$(15) \quad \begin{array}{ccc} & \text{OO-Ident} & \\ & /output/ \rightarrow /output+afixo/ & \\ \text{IO} & \uparrow & \uparrow \\ & /input/ & /input+ Afixo/ \end{array}$$

/mar/PL	IdentOO	Anchor	AlignR	DepIO	Max-IO
☞ a-ma.res			*	*	
b- mars		*!			

**Tableau 6:** Plural de nominais acabados em /r/ - Recursividade A

/mar-iño/PL	IdentOO	Anchor	AlignR	DepIO	Max-IO
a- mar.zí.ños.	*!			*	
☞ b-ma.re. zí. ños			*	**	

**Recursividade B**

Na recursividade A, a restrição Ident-OO opera *in vacuum* e na recursividade B avalia aos pares os candidatos de (B), relacionando cada um deles com a forma ótima de (A), ao mesmo tempo que o candidato é avaliado por MaxIO em relação à fidelidade ao *input*. Com a exceção de Ident-OO, todas as restrições avaliam item por item, seguindo o procedimento geral.

De acordo com a Condição de Coda, especificamente Coda Complexa, que licencia grupos de soante +/S/, os dois candidatos indicados por (a) apresentam rimas bem formadas, como *perspectiva* e *solstício* exemplificariam, razão por que a restrição referente à coda complexa não foi ativada. Todavia essas rimas não são aceitas em final de palavra com S-plural, porque esse morfema exige o apoio de um vocoide, isto é, a restrição Anchor tem de ser satisfeita. Portanto, na recursividade A, a forma ótima é (a) que mostra o plural apoiado em uma vogal epentética, às expensas de DepIO. É, pois, com *mares*, que a base do diminutivo-plural tem de estar relacionada. Na recursividade B, o vencedor é (b), o qual é fiel a Ident-OO, sem deixar de ser fiel ao *input*, razão por que MaxIO foi ativado, embora não haja candidatos que a violem.<sup>7</sup>

### 3.2. NOMINAIS ATEMÁTICOS TERMINADOS EM LATERAL

Um dos casos interessantes do complexo morfofonológico é o da pluralização de palavras terminadas em lateral, das quais algumas se valem de vogal epentética, seguindo o

<sup>7</sup> Observe-se que a restrição de Alinhamento que preserva o limite da base, justificando um dos casos da entrada de /z/, mar> marzinho, mas não marinho, é violada no plural, porque está dominada por Anchor.

padrão que acaba de ser descrito, *mal* > *males*, mas a maioria não exhibe VT em nenhum domínio seja fonológico seja morfológico, diferentemente do que ocorre com o espanhol *el papel* ~ *los papeles*. Em português, a lateral final caracteriza nominais atemáticos, realizando-se como lateral dorsal ou glide [+posterior], (16)a). Todavia diante do morfema plural /S/ toma a forma de um glide coronal ou fundem-se as vogais quando idênticas (16)b,c):

(16)	a- (painel)	painɛɫ ~ painɛw	b- painɛis	c- painɛjziños
	(coronel)	koronɛɫ ~ koronɛw	koronejs	koronejziños
	(lençol)	lɛnsɔɫ ~ lɛnsɔw	lɛnsɔjs	lɛnsɔjziños
	(selva)	sɛɫva ~ sɛwva	funis< funiis (fusão)	funilzinho

De acordo com Walsh(1995), a líquida lateral contém os traços coronal e dorsal, do que se infere que os glides [ $\pm$ post], (16), são provenientes dessas propriedades. A sua realização como glide [+post] em posição pós-vocálica (16) é a realização frequente no português brasileiro, embora no Sul do País a lateral coronal, nesta posição, seja ainda uma presença a notar. A sua realização como glide [-post], (16) morfológicamente consagrada, encontra-se também fora do contexto da pluralização, como variedade de um sistema fonológico, registrado por Harris (1983: 47) em cibaño, um dialeto do espanhol:

(17)	revolver = revoivei
	carta = caita
	papel = papei
	algo = aigo

Feitas essas considerações que dão sustento à suposição de que os glides, como variantes da lateral, são manifestações de propriedades da lateral, voltemos aos dados de (16). Uma pergunta se impõe: Por que o morfema de plural que exige a presença de um vocoide, de acordo com Anchor, não se satisfaz com o glide [w] que se manifesta no singular, no português brasileiro? Tudo indica que a opção pelo glide [-post] é uma questão de harmonia, pois em jS, o glide comunga o traço coronal de /S/, tornando-se, neste sentido, a opção

consagrada. Note-se que isso se mantém tanto na palavra base quanto no diminutivo: *papéis*, *papeizinhos*.<sup>8</sup>

Processos de harmonia vêm sendo amplamente descritos na literatura, sobretudo quando alvo e gatilho são fonológicos. Todavia existem harmonias com alvo ou gatilho morfológico, seja por serem conduzidas por traços da raiz, seja por serem delimitadas a afixos, segundo Archangeli and Pulleyblank (2007). No caso em consideração, a harmonia é motivada pelo morfema de plural {S}, o gatilho, e é delimitada à lateral final do radical, o alvo. A intervenção de *Anchor* que exige o deslocamento de /S/ para o fim da palavra por determinação morfológica não altera o resultado esperado. Em termos de regras, teríamos de contar com (19); em termos OT, com uma restrição da família *Agree*, definida em (20).

(18) Regra

Variantes condicionadas da lateral pós-vocálica

a- /l/ → [j] / \_\_\_**PL**]

b- Nos demais casos, realiza-se como [ʔ] ou [w].

(19) Restrição AGREE

A sequência Glide e {S}, morfema de plural, deve concordar em coronalidade.

Admitindo-se que toda restrição de harmonia esteja em conflito com uma restrição de fidelidade, vemos no Tableau 7, onde /l/ pós -vocálico está por [ʔ] ou [w], que a relação de dominância se estabelece em termos de *Agree* >> *Ident(F)*. A última é uma versão mais ampla de *Ident(ATR)*. Note-se que para a descrição do diminutivo de tais nominais, novamente uma relação transderivacional se faz presente, no estilo de Benua.

(20)

OO-Ident

IO-Ident	pa.´pejs	→	pa.pej.´zi.ños
	↑		↑
	papel+PL		papel+iño+PL

<sup>8</sup> Palavras cuja substituição da lateral pós-vocálica por glide posterior está consagrada na fala e na escrita de tal modo que a memória desta relação foi perdida, embora haja vestígios, como, por exemplo, chapéu, chapelaria, estão fora da concordância de coronalidade. Há também as que constituem exceções como gol [gow] com o plural [gows]. Por outra, em algumas variedades do português brasileiro, a harmonia referida estende-se a palavras com terminação nasal, como em **tons**, [tõws] ~tõjs], por exemplo.

/papel/PL	IdentOO	Anchor	Agree(cor)	AlignR	IdentF	DepIO
☞ a- pa.pɛjs.					*	
b- pa.pɛws.			*!			
c- pa.pɛ.les.				*!		
d- pa.pɛls.		*!				

**Tableau 7:** Plural de nominais acabados em lateral      Recursividade A

/papel- iño/PL	IdentOO	Anchor	Agree(cor)	AlignR	IdentF	DepIO
☞ a- pa.pɛj.zí.ños					*	*
b- pa.pɛw.zí.ños.	*!		*			*
c- pa.pɛl.zí.ños	*!					*
d- pa.pɛ.lí.ños.				*!		

**Recursividade B**

O candidato ótimo é (a) na recursividade A e na recursividade B, ambos violam IdentF para satisfazer Agree. Os demais são rejeitados, em A, (d), porque não atende à demanda de um vocoide para apoio de PL, (c) por violar AlignR e (b) por ser desarmônico. Na recursividade B, a restrição que compara os candidatos aos pares, Ident-OO, desaloja as formas (b,c), porque as suas bases não se relacionam com a forma ótima de primeira recursividade e AlignR condena (d). Note-se que, neste caso, MaxIO não foi ativada porque não houve conflitos. Todavia essa restrição subentendida mostra que o melhor candidato atende às duas exigências, Ident-OO e MaxIO, fidelidade a um *output* e fidelidade ao *input*, respectivamente.<sup>9</sup>

### 3.3. NOMINAIS TEMÁTICOS COM DITONGO NASAL

Da mesma forma que nos dois casos precedentes, uma relação *output to output* se estabelece com as terminações de ditongo nasal, como mostra Benua (1997) que tomou o português como um de seus exemplos. Respeitadas as diferenças de análise com respeito à nasalidade, os exemplos em (21) e o Tableau 8 põem em evidência a relação *output-to-output*.

Segundo Câmara Jr, (1975: 83), ainda no português arcaico, palavras terminadas em /e/ precedido de segmento nasal, cedo perderam o /e/ final do tema: *ratione* > *razon*, *pane* > *pan*. A partir daí, a língua organizou-se de tal modo que essas palavras passaram a exibir /e/ como tema somente no plural, confluindo, no singular, para *ão*, *razão*, *pão*. Isto é, enquanto as

<sup>9</sup> Vem se fazendo notar, na fala popular, o diminutivo com a perda da lateral final, possivelmente facilitada pelo processo de enfraquecimento por que vem passando a lateral através dos tempos: l > ł > w. Daí: *facinho* por *facilzinho* ~ *faci[w]zinho*, com perda da lateral e fusão dos dois /i/s, o do radical e o de -inho.



de vogal temática /o/ mantém essa vogal no plural, *cidadão(s)*, *irmão(s)*, *mão(s)*, as de radical /oN/ têm vogal temática alternante, /o/ no singular e /e/ no plural. Nesta classe também ficam algumas palavras de terminação /aN/<sup>10</sup>. Em suma, as formas de singular têm a vogal temática /o/, enquanto as de plural mostram as variantes /o/ e /e/.

(21) Singular versus plural

cidadão	cidadãos
irmão	irmãos
limão	limões
patrão	patrões
botão	botões
sermão	sermões

Partimos do pressuposto de que tais palavras têm, no *input*, um elemento nasal subespecificado, simbolizado por N flutuante, que não está licenciado para ser *onset*, o que é controlado pela restrição \*License-N. Deve, sim, incorporar-se como traço a receptores de nasalidade que, em português são vogais e glides.

A partir do *input*, duas vogais em sequência formam um ditongo nasal. À vogal /o/ levantada para [u] corresponde o glide [+post] e à vogal /e/ levantada para [i] corresponde o glide [-post].

Afora os ditongos nasais com a mesma vogal temática no singular e no plural, os demais estabelecem uma relação *output to output*. O Tableau expõe a análise de pães, plural de pão.

/paN-o/PL	IdentOO	Anchor	Agree(cor)	*Lic- N	IdentF	MaxIO
a- pãjs.					*	
b- pãws.			*!			
c- pãns.		*!				*
d- pã.nes.				*!		

**Tableau 8:** Plural de nominais com ditongo nasal alternante Recursividade A

<sup>10</sup> Vem se fazendo notar o uso frequente da variante -ões, por exemplo, *anão* > *anãos* ~ *anões*.

/paN-o-iño/PL	IdentOO	Anchor	Agree(cor)	*Lic-N	IdentF	MaxIO
a- pãw.zí.ños.	*!		*			
☞ b- pãj.zí.ños					*	
c- pãn.zi ños.	*!					*
d- pã.ne.zí.ños				*!		

#### Recursividade B

O vencedor na recursividade A é (a), a despeito de violar Ident(F), baixa na hierarquia. Anchor desaloja (c), porque o morfema de plural exige o apoio de um vocoide. Agree(cor) condena (b), pois o glide não compartilha o traço de coronalidade do morfema de plural, realizado por /S/, [+voz] ou [-voz]. \*License-N condena o candidato (d), porque N não está licenciado a ser onset.

Na recursividade B, (a) e (c) são rejeitados por violar IdentOO e \*License-N bloqueia o candidato (d). O vencedor é (b) que viola \*IdentF baixa na hierarquia.

Para finalizar, vale observar que, entre as consoantes epentéticas que se manifestam em derivativos, a mais ocorrente é /z/, fato sobre o qual Allen Jr. (1941) chamara atenção: *ito>zito, al~zal, eiro~zeiro, ão~zão, arrão~zarrão*. Chamemo-la pois, consoante *default*. As demais coocorrem com /z/ em certos derivativos ou são de ocorrência mais restrita.

#### EM SUMA

O diminutivo mais produtivo do português é o morfema -inho que se reveste da consoante epentética /z/, para satisfazer exigências estruturais, tais como ter *onset*, preservar traços onológicos e certas posições estruturais da base. Sob a égide da hipótese o morfema é canonicamente -inho, a contribuição deste estudo reside na elucidação dos condicionamentos para a epêntese e na elaboração da proposta com fundamentação na teoria da Otimidade.

#### REFERÊNCIAS

1. ALLEN Jr. Joseph H.D. *Portuguese Word-formation with Suffixes*. Linguistic Baltimore, Linguistic Society of America. Separata de *Language*, v.2, p. 3-143, 1941.
2. ARCHANGELI ,Diana; PULLEYBLANK, Douglas. *Grounded Phonology*. London: Cambridge, The MIT Press, 1994.
3. BARBOSA, Jerônimo Soares. *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*. Lisboa: Typographia da Academia geral de Ciências de Lisboa, 6ª edição, 1875, [1787]).

4. BENUA, Laura. *Positional Faithfulness. Doctoral Dissertation*. Amherst, University Of Massachusetts. ROA-231, 1997.
5. BISOL, Leda. O Diminutivo e suas demandas. *DELTA*, v. 26, n.1, p. 59-85, 2010.
6. CAMARA Jr., J. Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
7. CAMARA Jr., J. Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
8. HARRIS, James; KAISSE, Ellen. Palatal vowels, glides and obstruents in Argentinian Spanish. *Phonology Yearbook*, v.16, p. 117-190, 1999.
9. McCARTHY, John J; PRINCE, Allan. *Prosodic Morphology I. Constraint Interaction and Satisfaction*. Report no. RuCCS-TR-3. New Brunswick, NJ: Rutgers University Center for Cognitive Science. Available in ROA, 1993.
10. McCARTHY, John J. *A Thematic Guide to Optimality Theory*. New York: Cambridge University, Press, 2002.
11. WALSH, Laura. Representing Laterals. In: Beckman, J.N 9 (ed.) *Proceeding of the North -East linguistic Society 25*. GSLA, Amherst MA, v 1, 1995.

**ABSTRACT:** The hypothesis that guides this analysis, which is based on the Optimality Theory, is that -inho is the morpheme; and z in -zinho, an epenthetic consonant. Considering the morphological word as base of the derivative and a ranking of correspondence, markedness and alignment constraints as the instrument of analysis, the explanation comes out firm on the theory and on the data.

**KEYWORDS:** diminutive; faithfulness; alignment; markedness.